

Resenha

O mito revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário
(ALMEIDA, Rogério de; ARAÚJO, Alberto Filipe; GOMES, Eunice Simões Lins.
São Paulo: Kepós, 2014, 144p.)

Tatiana LIMA¹

A Antropologia do Imaginário e a operação da mitanálise é um método de investigação criado por Gilbert Durand e aplicado aos estudos do imaginário. Nesta obra os autores Alberto Felipe Araújo, estudioso da área educacional e professor da Universidade do Minho (Portugal); Rogério de Almeida, pesquisador do campo da educação e professor da Universidade de São Paulo (USP); e Eunice Simões Lins Gomes, pedagoga e teóloga, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), utilizam a mitodologia durandiana para perceber os mitos instaurados em determinados contextos de análise.

Os estudos estão separados em quatro capítulos, elencados da seguinte forma: Da mitocrítica à mitanálise: um contributo mitodológico em educação; As máscaras de Hermes: uma mitanálise do pós-moderno; As imagens de Deus: uma mitanálise do período seiscentista; Do imaginário do segredo: uma abordagem mítico-simbólica e educacional.

No primeiro capítulo, dividido em duas partes, o autor Alberto Felipe Araújo dedica-se a apresentar a mitocrítica e a mitanálise como método de pesquisa, a quem ele chama de mitodologia durandiana, bem como as suas experiências obtidas por meio do uso deste método no campo da educação, área que se dedica a estudar textos educacionais e pedagógicos, o que lhe permite perceber as contribuições e os obstáculos que o pesquisador encontra ao aplicar essa metodologia em seu objeto de análise.

A partir de suas experiências, o autor percebeu que os métodos de investigação da mitanálise e da mitocrítica “não se adaptavam à especificidade de textos fortemente ideologizados e pobres em espessura mítica, como são os textos educacionais e pedagógicos”. Diante das limitações, pensar sobre a mais valia hermenêutica da

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: tatiianalima@hotmail.com

mitodologia durandiana no ato de trabalhar os textos do campo da educação é a questão norteadora desse capítulo.

Ao definir os conceitos de mitocrítica e mitanálise, em que a primeira se dedica a interpretar os mitos e suas figuras patentes (explícito) e latentes (implícito) nos textos literários, poéticos, dentre outros, e a segunda nos convida a um mergulho mais profundo na percepção do mito dentro de um contexto sociocultural e histórico, o autor mostra como um método emerge do outro.

Na prática, quando o pesquisador aplica a mitocrítica e realiza o exame de determinada obra, ele passa a observar e interpretar imagens, símbolos e mitos estabelecidos no campo de pesquisa da mitanálise: o imaginário cultural. O autor então busca em Gilbert Durand (1979), no livro “*Figures Mythiques et Visages de L’oeuvre*”, a afirmação de que a mitocrítica funda a mitanálise (...) “a primeira convoca a segunda para um momento cultural e para o dado conjunto social, aquilo que a psicanálise é para a psique individual”.

É importante destacar também que o miticiano, interprete dos mitos, seja capaz de perceber os mitos visíveis ou ocultos dentro de um material analisado, ou seja, que tenha um pré-conhecimento desse campo de pesquisa. Por isso, de forma didática, o próprio autor vai elencando direcionamentos que colaboram e facilitam na tarefa de observação e interpretação dos símbolos.

O autor apresenta ainda a importância do mitema e mitologema, conceitos operatórios da mitocrítica, como sendo significantes dentro de um contexto, em que o primeiro, por exemplo, consegue alcançar a redundância que é a qualidade essencial do mito. Nesse sentido, quanto maior for à escala de amplitude do objeto analisado maior será a possibilidade de identificação do material mítico. Já numa escala de pequena amplitude, como é o caso do soneto, poema ou um pequeno romance as possibilidades ficam reduzidas.

No que diz respeito aos conceitos da mitanálise e seu método de investigação das percepções histórico-sociais, o texto nos leva novamente aos estudos de Durand (1996), em que na obra “*Champs de l’imaginaire*” o conceito de bacia semântica é trazido para explicar “os percursos, permanências e mudanças, em determinados momentos da vida de uma sociedade, no interior de sua memória coletiva e

sociocultural constituída pelos seus modos de vida, herança cultural, língua natural, arquivos históricos” etc.

Para o pesquisador do campo da educação a tarefa se torna mais difícil, pois ao aplicar a mitodologia durandiana em textos mais ideologizados ele vai encontrar dificuldade para perceber os mitos ocultos existentes em determinados contextos.

Desse modo, a ideia é que se faça “uma prática hermenêutica adequada, recolhendo os traços míticos, ainda que degradados, contidos nos textos sobre a educação”.

No capítulo seguinte, Rogério de Almeida, observador da condição pós-moderna, apresenta um estudo da sociedade contemporânea a partir do uso da mitanálise, fazendo assim um mergulho no contexto sociocultural e histórico para compreender os mitemas mais importantes do mito que desponta no século XX.

Para ajudar na compreensão da vida do mito na dinâmica sociocultural, o conceito de bacia semântica, em Durand (1983), inserido na obra “Mito e Sociedade: a mitanálise e a sociedade das profundezas”, mais uma vez é colocado em prática, a partir da metáfora hídrica, que somam seis fases potamológicas: a escorrência, a partilha das águas, as confluências, a nomeação do rio, a contenção das margens e o esgotamento dos deltas e dos meandros.

De modo mais exploratório, o autor aborda ainda as múltiplas faces do pós-moderno a partir da visão de diferentes estudiosos. Por exemplo, em “O instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades contemporâneas”, Maffesoli (2003) enxerga a pós-modernidade como uma “sinergia entre o arcaico e o tecnológico, em que as festas, a tribalização, as comunidades virtuais, as manifestações juvenis seriam exemplos práticos disso”; enquanto que Linda Hutcheon, na obra “Poética do pós-modernismo”, de 1991, pensa o pós-moderno ou o pós-modernismo na perspectiva de algo “contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político”.

A partir da sua observação e interpretação da sociedade, como propõe a mitanálise, o autor acredita na predominância dos mitos de Hermes e Dionísio, bem como a presença das figuras míticas de Prometeu e Fausto, os dois primeiros com mais força, ressurgindo de modo oculto e evidente nesse dado momento histórico.

Segundo o autor, Dionísio é uma figura forte das sociedades pós-modernas, dando conta da relação corpo-prazer, do seu uso sexual, dos desregramentos desse uso e

das práticas excessivas. Já a figura de Hermes, também interpretada pela mitanálise, “ressurge no século XX, como *angelos*, mensageiro, deus da comunicação, mas também da diferença entre os comunicantes, portanto deus das encruzilhadas, divindade dos limites, enfim, arquétipo do sentido de toda linguagem”, como coloca Durand, em seu livro “Science de l’homme et tradition”, 1979.

Ao utilizar a mitanálise como método de observação e interpretação da sociedade pós-morderna, o autor consegue estabelecer uma base de compreensão dos valores socioculturais e históricos que se cruzam com a presença latente e patente dos mitos que tencionam a vida cotidiana.

Já no capítulo terceiro, Eunice Simões apresenta de modo extremamente didático uma análise que se dedica a interpretar as imagens de Deus inseridas em seis livros que fazem parte da obra “O peregrino Querubínico”, do poeta alemão Angelos Silesius.

A obra foi escrita no período seiscentista, época marcada por grande disputa de poder político, um tempo de forte intolerância religiosa e com muitos conflitos na Europa, como pontua o autor Mansueto Kohnen, em “A história da literatura germânica”, 1960.

Nesse período, os rebeldes da nobreza protestante e o governo apoiado pela igreja católica disputavam a coroa, o que aconteceu juntamente em várias regiões européias, originando a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). No fim, os sobreviventes apoiaram-se na fé e na compreensão de uma vida passageira com a esperança de uma vida eterna, como sintetiza a autora.

Para identificar as imagens de Deus ocultas nos aforismos (textos curtos) e poesias que constituem cada um dos seis livros analisados, foi realizada uma seleção criteriosa dos mitemas – menor unidade do discurso mítico que é redundantemente significativa, repetitiva – presentes na obra de Silesius, possibilitando, assim, um mergulho nas profundezas da força imaginante do poeta alemão.

Em seguida, a autora elenca cada livro observado e interpretado destacando a forma e a relação com que Silesius apresentava a imagem de Deus em seus escritos.

Por exemplo, no primeiro livro, contendo 302 aforismos, identificou-se um pensamento sobre as imagens: “Deus é relação”, ou seja, não existe uma imagem isolada de Deus; Ele sempre está implicado nas imagens. Em seqüência, é feito um resgate das passagens onde esse mitema aparece de modo redundante. “Deus é o

semeador, e sua Palavra eterna a semente; o arado é seu espírito, e meu coração o sulco” (I,64); “Se Deus é fogo, meu coração é a lareira onde ele queima a lenha da vaidade” (I, 66), etc.

A partir da interpretação dos mitemas foi possível identificar as imagens que mais se repetiram nas obras analisadas, revelando que Silesius, por meio dos aforismos e poesias, propôs uma nova forma de conhecer Deus.

Uma das grandes sacadas dessa análise acontece quando a autora percebe que a obra “O Peregrino Querubínico” contempla o quarto momento de insurgência do mito de Hermes, que ocorre nos séculos XIII e XIV. Segundo a autora, “a figura mítica de Hermes reflete em Silesius como sendo o *angelos*, o mensageiro, conduzindo as pessoas à meditação e a vida com Deus, no instante em que a igreja passava por fortes mudanças”.

A compreensão do tempo em que a obra analisada foi escrita também faz parte do processo de observação e interpretação do material, pois, ao escrever os aforismos e poesias, o autor bebeu do tempo vivido por ele.

Por fim, entre os resultados apresentados, conclui-se que a mensagem escrita nos seis livros que compõem a obra de Angelus Silesius é alimentada por um imaginário pautado pela esperança na capacidade humana de renovação e comunhão com Deus, permitindo um reconhecimento das figuras de Deus que superaram a transformação política, social e religiosa da época, resume a autora.

No último capítulo da obra o autor Alberto Felipe Araújo apresenta mais um estudo, onde, desta vez, explora o imaginário do segredo para compreender as relações existentes no campo educacional.

O estudo está dividido em três partes que abordam respectivamente os seguintes pontos: o tema do segredo, o labirinto como figuração mítico-simbólica do segredo, o segredo como metáfora viva do imaginário educacional.

Nas primeiras abordagens o autor busca esclarecer a diferença entre enigma, mistério e segredo, três conceitos que se unem, mas que são distintos no que diz respeito ao significado. Segundo Corinne Blanchaud e Violaine Houdart-Mérot (2009), em “*Écritures Du secret. J’avance masqué*”, a resolução do enigma pode acontecer independentemente de uma confissão. O mistério, pode eventualmente esclarecer-se,

mas não supõe nem um ‘detentor’ do mistério, nem um depositário. Só o segredo exige esta tríade entre detentor, depositário e terceiro excluído.

No livro “Logiques du Secret”, 1984, o autor Louis Marin diz que o segredo é como uma cobertura que esconde algo que supostamente não é ou que não deve ser revelado ou desoculto, que deverá permanecer escondido (...) enquanto Araújo, autor do último capítulo, em sua obra “Imaginário Educacional: figuras e formas”, 2009, ressalta que por trás do segredo existe um guardião atraído por guardar ou dizer, em que este experiência tanto uma angústia por ter a sua guarda quanto um conforto por dele ser detentor.

Ao observar e interpretar o imaginário do segredo, o autor faz referência ao mito de Dédalo, em que este, na história da mitologia, revelou a Ariadne o segredo de como Teseu poderia escapar do labirinto-prisão que abrigava junto com ele um sinistro minotauro.

O autor então passa a utilizar o labirinto de modo figurativo, metafórico, enxergando como lugar misterioso, secreto, enigmático, que contém em si um problema e uma solução que exige inteligência e intuição a quem se dedica a confrontar os seus obstáculos.

Do ponto de vista das Estruturas Antropológicas do Imaginário, de Gilbert Durand, constante na obra “*Les Structures Anthropologiques de l’Imaginaire*”, 1984, em conformidade com Gaston Bachelard, “*La Terre et les Rêveries du Repos*”, 1986, Hans Biedermann, “*Encyclopédie des Symboles*”, 1996, Jean Chevalier & Alain Gheerbrant, “*Dicionário dos símbolos*”, 1994, e Juan-Eduardo Cirlot, “*Diccionario de símbolos*”, 1981, o labirinto é um símbolo, tem associados arquétipos e está situado no regime noturno do imaginário além de ser subsumido pelas estruturas místicas.

Por fim, o autor, a partir de um esforço hermenêutico adequado, emerge no imaginário educacional, resgatando mitos, símbolos, imagens arquetípicas e seus significados buscando assim responder o que o segredo diz à educação.

A obra, de uma maneira geral, apresenta uma contribuição importante ao mostrar a diversidade de estudos que podem ser realizados tendo como base os métodos de investigação do imaginário.

Mesmo quem não tem um pré-conhecimento da mitodologia durandiana consegue, por meio dos estudos apresentados, desde que munido de atenção e paz de

espírito, compreender os objetivos e as possibilidades de sua aplicação, seja no campo da educação, das religiões, da história, enfim.

O livro serve até mesmo de base introdutória para quem pretende mergulhar nos mares mais profundos do imaginário, ou seja, diretamente nas bibliografias escritas por suas fontes criadoras, que, por muitas vezes, oferecem uma leitura complexa.